

# A cidade como suporte e elemento intrínseco em produções artísticas

## *The city as support and intrinsic element in artistic productions*

Paula Almozara & Maria Paula Ferraz Dias

### Resumo

O artigo apresenta uma pesquisa baseada na reflexão sobre as possibilidades e potencialidades dos elementos poético-visuais relacionados à cidade “como suporte”, a partir de estudos de caso sobre grupos e artistas na cidade Campinas/SP, que entre os anos de 2008-2010 utilizaram a paisagem urbana como elemento constitutivo e/ou intrínseco de suas produções. Nesse sentido, o foco em ações realizadas na cidade de Campinas (SP) tem como objetivo abordar projetos que escapem do eixo cultural das capitais, em especial Rio-São Paulo, mas que possuam repercussão que ultrapassa o contexto local.

### Palavras-chave

Arte; cidade; paisagem; grupos.

### Abstract

*The article presents a research based in the possibilities and the poetical elements related to a city “as a support”. The interests this text is a production of artistic groups and artists in Campinas (SP), between the years 2008-2010, that used the urban landscape in her productions and actions. In this sense, the focus is on actions performed in Campinas (SP) that aims to approach projects that escape from the cultural axis Rio-Sao Paulo, but having impact beyond the local context.*

### Keywords

*Art; city; landscape; groups.*

## 1. Introdução

A natureza como o espaço sintomático da paisagem cede lugar à cidade: “as cidades são as paisagens contemporâneas” (PEIXOTO, 2004. p. 11). Assim, artistas atuam de modo sistêmico nos sítios urbanos, interagindo com elementos arquitetônicos, geográficos, simbólicos etc., e em redes de atuação cada vez mais amplificadas para a efetiva organização de suas ações.

Assim, a pesquisa procurou estudar a existência de grupos, artistas e coletivos que de modo geral, utilizam a cena urbana, entre os anos de 2008 e 2010 na cidade de Campinas/SP, como elemento constitutivo e/ou intrínseco de suas produções e ações artísticas, englobando movimentos ou artistas que se valeram inclusive da internet para organizar e divulgar suas atividades.

Inicialmente, o foco de estudo em produções/ações em Campinas pretendia colaborar para a documentação das manifestações da Arte Contemporânea da região. No entanto, ao longo da pesquisa, o que poderia ser tratado como algo de caráter local/regional, revelou uma questão importante no contexto das Artes Visuais, que é a percepção e necessidade da mudança de paradigma, no que diz respeito a qualificação de produções artísticas evidências pelo seu contexto geográfico. Ou seja, a percepção de que a qualidade e/ou visibilidade de produção deixa de estar vinculada apenas aos eixos das capitais brasileiras, em especial o eixo Rio - São Paulo.

Obviamente, as capitais ainda possibilitam aos artistas maior visibilidade de sua produção, e facilidade de obtenção de contatos para inserção dessa produção no circuito artístico. É preciso considerar também que as galerias de arte que se estabelecem nos grandes centros estão aí concentradas em função do poder econômico, que emana da geração de renda e industrialização das metrópoles.

Um exemplo desta situação, no que diz respeito à concentração de artistas e produção artística em certos locais, são as estatísticas de participação de residentes do Rio de Janeiro e de São Paulo nas listas de editais de salão e projetos. O próprio Ministério da Cultura, em seus editais do FNC (Fundo Nacional de Cultura), estabelece pontuações diferenciadas para os Estados, prevendo uma espécie de estímulo ou diminuição da discrepância quantitativa de projetos do Sudeste, em comparação com outras regiões do país, conforme aponta o Edital de Intercâmbio N. 1/2011 do MinC (2011):

[...] 8.4.5 A fim de minimizar desigualdades e promover a descentralização das ações culturais, os requerimentos receberão bonificação em sua pontuação de acordo com a Unidade Federativa de origem, com base no histórico da demanda apresentada ao Programa em anos anteriores, conforme estabelecido a seguir:

Candidatura originária da UF

Pontos atribuídos:

Acre 2,5; Alagoas 2,5; Amapá 2,5; Amazonas 2,5; Bahia 1; Ceará 2; Distrito Federal 1,5; Espírito Santo 2,5; Goiás 2; Maranhão 2,5; Mato Grosso 2,5; Mato Grosso do Sul 2,5; Minas Gerais 1; Pará 2; Paraíba

2,5; Paraná 1,5; Pernambuco 2; Piauí 2,5; Rio de Janeiro 0,5; Rio Grande do Norte 2,5; Rio Grande do Sul 1; Rondônia 2,5; Roraima 2,5; Santa Catarina 1,5; São Paulo 0,5 (grifo meu); Sergipe 2,5; Tocantins 2,5

No âmbito dessa pesquisa, quando pensamos em políticas públicas para as Artes, há uma preocupação sobre a “descentralização das ações culturais”, o que também deve impactar a produção de artistas ou grupos de artistas do interior de cada Estado, de modo que também possam buscar novas possibilidades para enfrentar a efervescência produtiva e mercadológica das capitais; pois, muito embora, o governo federal ainda observe a desigualdade entre as regiões do país, essa questão também se replica no interior de cada Estado.

A hegemonia de produção e imposição dos grandes centros começa a recrudescer timidamente no início dos anos 2000, muito em função da disseminação de informações proporcionada pela Internet, e posteriormente pelas redes sociais, o que permitiu aos artistas extrapolarem o contexto geográfico de suas atuações, e amplificar a visibilidade de seus trabalhos, criando outras possibilidades de divulgação e/ou participação em ações, criando certa independência de apoios exclusivamente locais para a efetivação de seus projetos.

Nesse aspecto, na cidade de Campinas, observamos o estabelecimento de ações artísticas, que se destacam pela parceria entre artistas e grupos, na qual os espaços culturais e museais, não foram os focos principais de uso das produções.

A tendência de artistas de se agruparem em ateliês coletivos, criando seus próprios espaços de trabalho, de divulgação e de exposição, é evidente em Campinas, destacando-se por exemplo, o surgimento do Ateliê Aberto – Produções Contemporâneas.

Formado em 1997 a partir da proposta de um ateliê coletivo organizado por Samantha Moreira teve sua estrutura e campo de trabalho modificados ao longo dos anos. Nesse início funcionava na Vila Industrial, um dos mais antigos bairros de Campinas. Entre 1998 e 2000 tem a participação de Reginaldo Pereira.

A partir de 2001, muda-se para o bairro do Cambuí, quando então passa a contar com a colaboração de Fábio Luchiari.

Entre 2004 e 2007, o Ateliê Aberto teve a colaboração de Renato Hildebrandt, Guilherme Fogagnoli e Sylvia Furegatti. Erika Pozetti, designer gráfica, participou do Ateliê de 2004 a 2009. (ATELIÊ ABERTO, 2011).

A proposta de atuação do Ateliê Aberto desde seu início é a de “um organismo independente que vive da criação, formação, produção, difusão e investigação em arte, design e cultura contemporânea” (ATELIÊ ABERTO, 2011), estabelecendo portanto uma rede de relações interdisciplinares. Um dos elementos mais importantes da organização do Ateliê é seu espaço expositivo, que tem como fundamento a realização de projetos de site specific art trazendo artistas convidados e abrindo possibilidades de residência artística. Outro elemento de

destaque é a existência de uma biblioteca especializada em Arte, que pode ser acessada pelo público em geral, além de espaço de realização de produções audiovisuais. Mantém forte atuação na cidade, a partir de seu espaço expositivo, que foi ampliado pela mudança em 2010 para um prédio próprio com infra-estrutura totalmente renovada para o recebimento de projetos e residências e nesse mesmo ano passa a ser coordenado por Samantha Moreira e Maíra Endo. O Ateliê Aberto destaca-se já a alguns anos, como um “organismo” produtor e gestor de projetos culturais no país.

Com uma proposta e uma configuração que difere do Ateliê Aberto, notadamente no que diz respeito a concepção do espaço de trabalho, surge em Campinas, em dezembro de 2004, o Ateliê/8. Inicialmente formado por oito membros efetivos, daí o nome do espaço; o Ateliê/8 tinha como objetivo a constituição de um local de trabalho para os seus integrantes, possuindo assim salas equipadas e especificamente apropriadas para a produção gráfica. A Ateliê/8 também intencionava ser um local de referência para a orientação e acompanhamento de projetos artísticos de outros artistas, além de oferecer cursos de gravura, desenho e história da arte. No segundo semestre de 2005 a 2006 o Ateliê/8 passou a ser constituído por cinco artistas e de 2006 até início de 2011 teve sua formação estabilizada em seis integrantes.<sup>1</sup>

Atualmente, pode-se afirmar que o foco do Ateliê/8 é a constituição de um espaço de trabalho individual<sup>2</sup> gerido coletivamente, muito embora projetos em parceria que englobam todos (ou parte) dos integrantes, também sejam vivenciados pelo ateliê, mas caracteriza-se principalmente como um ateliê de produção artística com pesquisa em materiais e utilização de equipamentos de gravura, determinado principalmente pelo perfil dos artistas integrantes que em sua maioria possuem formação de graduação com especialidade na área de gravura e/ou desenho.

O Pparalelo de Arte Contemporânea (pronuncia-se apenas paralelo) criado em 2008 e formado por Sylvia Furegatti, Cecilia Stelini, Adriana da Conceição, Hebert Gouvêa; surge com a premissa de não ser um “coletivo” de artistas, mas um paralelo, de modo a enfatizar o conceito de que as relações e conexões pretendidas devem se pautar por uma ampliação das possibilidades de “ação e difusão das múltiplas formas assumidas” (PPARALELO, 2011) pelas Artes Visuais e não apenas reproduzir modelos de atuação estabelecidos.

Pretendendo-se cultural e não apenas artístico atua por meio de microações-de-arte sugeridas por forças alternadas dentro do grupo. Busca formar novas redes de conexão com outras cidades e artistas, redesenhando os circuitos que alimentam a arte contemporânea.

Parte de uma idéia de ativação da arte pela presença do seu observador, que não deve ser só de artistas, mas também formado por outros novos públicos interlocutores de seus valores. Arte para muitos, aos poucos [...] (PPARALELO, 2011).

<sup>1</sup> 2004 a 2005, artistas integrantes: Marcelo Moscheta, Danilo Perillo, Paula Éster, Paula Vermeersch, André Tavares, Amir Brito Cádor, Daniela Maura, Ynaiá Barros. De 2005 a 2006: Marcelo Moscheta, Danilo Perillo, Paula Éster, Ynaiá Barros. De 2006 a 2010: Marcelo Moscheta, Danilo Perillo, Paula Éster, Paula Almozara, Maria Luiza Pignatti. De 2010 a 2011: Marcelo Moscheta, Danilo Perillo, Paula Éster, Paula Almozara, Maria Luiza Pignatti, Yuly Marty. Em 2011: Marcelo Moscheta, Danilo Perillo, Paula Éster, Yuly Marty, Gustavo Torrezan.

<sup>2</sup> Cada artista integrante do ateliê/8 possui uma sala de trabalho individual para sua produção. No entanto, há espaços de uso coletivo, em especial espaços específicos para o desenvolvimento de montagens de trabalhos com uma pequena oficina e principalmente equipamentos e salas para a realização de trabalhos gráficos, tais como gravura em metal, serigrafia e outros processos relacionados a gravura.

As ações do grupo foram inauguradas com o projeto “Bula de Intenções N. 1”, que tomou a forma de uma intervenção urbana realizada no dia 08 de abril 2008 em Campinas-SP (PPARALELO, 2011a).

Pode-se de certa forma afirmar que o Pparalelo condensa idéias de organização e enfoque de trabalho que são híbridas, quando comparadas as experiências do Ateliê Aberto e Ateliê/8.

Esses três “espaços” de experimentação artístico-cultural (Ateliê Aberto, Ateliê/8 e Pparalelo) configuram-se como os pontos principais de estudo dessa pesquisa e, a partir disso, observou-se a rede de relações estabelecidas não apenas entre eles, mas na movimentação entre os artistas que circularam e que desenvolveram projetos tendo como ponto de ligação esses coletivos/“paralelos”. Para citar alguns exemplos, o artista Gustavo Torrezan, que participou como convidado no projeto CASA/NA/CIDADE desenvolvido pelo Ateliê/8 em 2008, passa a integrar o ateliê em 2011 (ATELIÊ/8, 2011). Sylvia Furegatti artista do Pparalelo de Arte Contemporânea foi, entre os anos de 2004 e 2007, uma das colaboradoras do Ateliê Aberto Produções Contemporâneas (ATELIÊ ABERTO, 2011).

A rede de relações pessoais e de projetos acaba por amplificar-se, de modo bastante orgânico, onde a troca de experiências acaba por definir a constituição de outros grupos e projetos que possam dialogar sistemicamente entre si de maneira bastante conceitual, e também a partir de situações pontuais como novas ações propostas em conjunto entre grupos ou conexões a partir de projetos apoiados por editais.

No que concerne a organização funcional, de modo geral, esses artistas e grupos mantém sua independência como locais de produção, não recebendo de modo sistemático verbas públicas para sua manutenção, nem sendo tutelados por organismos públicos. Em geral os apoios e verbas públicas são efetivadas por meio de participação em editais (relacionados a políticas públicas de apoio a área) e/ou parcerias público/privadas na consecução de certas ações; que em sua maioria, tem grande ligação com a idéia da “cidade como suporte”, afastando-se assim da dependência de utilização de espaços institucionais tradicionais, como museus e/ou centros culturais para a realização ou “exposição” pública de seus projetos.

## **2. A cidade como suporte**

A ideia da “cidade como suporte e elemento intrínseco em produções artísticas”, vem a partir de uma questão relacionada a história de certas vertentes artísticas da arte contemporânea, mais especificamente as propostas dos artistas da Land Art no final do anos 60, que se fundamentam na possibilidade de realização de ações e projetos em espaços não tradicionais, ligadas ao conceito de site specific art e da ampliação de entendimento sobre o termo “paisagem” (natural e/ou artificial, como no caso a paisagem urbana) como

elemento poético. Assim, afastamo-nos de outras manifestações mais popularmente vinculadas a “arte urbana” ou a Street Art, como por exemplo, o Graffiti, que se caracteriza como uma outra vertente de pesquisa.

O termo “paisagem” carrega em si diversos conceitos e possibilidades, desde a paisagem recorrente na literatura e arte da Antiguidade, dos quadros e representações da natureza no Renascimento, dos escritos filosóficos do século XVIII, passando pelas mudanças dos relevos topográficos e inovações tecnológicas mais modernos, até sua amplificação e utilização no contexto urbano. Isso evidencia a força polissêmica do termo, e a “paisagem”, ou melhor, a atuação sobre a “paisagem”, foi assim a base de investida dos artistas da Land Art que passaram a produzir obras específicas para a situação e/ou visualidade de um determinado sítio, ou seja, se apropriaram de “territórios” que não eram culturalmente vistos como espaços de exposição ou tradicionalmente destinados a apresentação de obras de Arte.

Esse pequeno apanhado histórico nos leva enfim a uma questão importante, que é a obra *in situ*, ou seja a obra realizada em um local específico, considerando as potencialidades materiais, formais e conceituais do sítio onde é realizada.

A ida a Europa e o contato com todos estes mestres refletiram de forma marcante no que concerne a utilização do espaço urbano da cidade de Campinas, observamos produções de artistas e grupos que se destacam nesse contexto por estabelecerem conexões com as questões de “site specific art” no espaço urbano, e por dialogar e apresentar processos fundamentados por uma dinâmica de utilização híbrida de linguagens.

Uma bibliografia formal sobre esses artistas esbarra na questão da simples inexistência desse tipo de documentação. Em geral, esses processos são registrados por meio de catálogos, folders e anotações dos próprios artistas, além da utilização da internet, e assim estas se tornaram as fontes principais de pesquisa. Contamos com o apoio dos artistas e grupos, que nos forneceram material de anotação pessoal para que pudéssemos estudar seus processos de trabalho.

Destacamos nesse artigo os projetos CASA/NA/CIDADE, realizado em 2008, com concepção de Marcelo Moscheta e realização do Ateliê/8; os trabalhos “*in situ*” (2008, no contexto de CASA/NA/CIDADE), “*Demarche*” (2008) e “*Tecidades*” (2010) do artista Gustavo Torrezan; e os projetos “*Bula de Intenções N.1*”, “*Frases curtas, pensamentos longos*”, “*Lugar de Contemplação*” e “*Projeto Calendário*” do Pparalelo de Arte Contemporânea e da artista Sílvia Furegatti.

Importante afirmar que a escolha desses artistas e grupos pretende ressaltar as características de cada projeto oferecendo uma documentação sobre essas ações e produções.

### 3. Projeto CASA/NA/CIDADE - Ateliê/8

O projeto CASA/NA/CIDADE foi idealizado e proposto pelo artista Marcelo Moscheta e realizado em colaboração com o Ateliê/8 para o FICC - Fundo de Investimentos Culturais de Campinas, por meio do edital de 2008, tendo recebido dezoito mil reais para a realização da proposta.

Foram convidados para participar do CASA/NA/CIDADE sete artistas: Cesar Fujimoto, Diogo Bueno, Shima, Regina Johas, Laerte Ramos, Elida Tessler e Gustavo Torrezan. Sendo que o artista Gustavo Torrezan realizou uma intervenção a partir do catálogo do projeto, com a obra "IN SITU".

No catálogo do CASA/NA/CIDADE, a apresentação do projeto determina as diretrizes da proposta:

É um projeto de exposição/intervenção artística a ser realizada por artistas especialmente convidados para desenvolverem propostas de ocupação de uma casa no centro da cidade de Campinas. O objetivo é proporcionar discussões sobre a diversidade de propostas apresentadas pelos artistas e sua relação com a natureza do espaço em que estarão inseridos, gerando debates, conversas e oportunidade de contato do público com a produção realizada para/no espaço. (CASA/NA/CIDADE, 2008).

A intenção do Ateliê/8 era também a de convidar artistas que tivessem algumas características especiais, como, por exemplo recém-formados (na época), como Diogo Bueno (PUC-Campinas) e Gustavo Torrezan (Unicamp); artistas com grande experiência, maturidade artística e reconhecimento na área como Elida Tessler e Regina Johas; e jovens artistas iniciando a carreira, mas com alguma experiência em residências artísticas e projetos de instalação e performance como Cesar Fujimoto, Shima e Laerte Ramos.

Após o aceite, o Ateliê/8 pediu aos artistas que realizassem pequenos testemunhos sobre os projetos que pretendiam apresentar na CASA, esses testemunhos tinham os objetivos de: organizar material para a preparação de montagem, fornecer informação para o treinamento da ação educativa e gerar material textual para o catálogo.

O projeto foi desenvolvido num período de aproximadamente quatro meses e dois artistas ocupavam simultaneamente, durante um mês, uma casa no centro da cidade. Foram três ciclos de ocupação, havendo um intervalo de uma a duas semanas entre uma dupla e outra, para que os devidos reparos e montagem fossem realizados.

O público era acompanhamento por monitores, alunas do curso de artes visuais da PUC-Campinas <sup>3</sup>, que participaram voluntariamente do projeto e foram treinadas para realizar ações educativas. Os grupos de visitantes (grupos independentes e/ou escolas) tinham a oportunidade de agendar visitas orientadas. No final de cada ciclo de ocupação os artistas convidados participavam de debates e conversas abertas com o público.

<sup>3</sup> Ação educativa, monitoras voluntárias: Anelise Servidoni, Mariana Frederizi e Renata Casarini.

A concepção básica do projeto estava centrada na ideia de utilizar um local, que não fosse um espaço institucional (museu) ou um espaço expositivo tradicional (galeria), onde artistas pudessem desenvolver trabalhos específicos, dialogando com as características do sítio e com a cidade. O espaço proposto pelo projeto seria o de uma casa, enfatizando o aspecto simbólico da escolha. A “casa” em si carrega diversas conotações sendo um espaço de moradia, de acolhimento, e em termos simbólicos representa o inconsciente (CIRLOT, 1984).

O simbolismo arquitetônico, por outra parte, tem na casa um de seus exemplos particulares, tanto no geral como no significado de cada estrutura ou elemento. Contudo, na casa, por seu caráter de vivenda, produz-se espontaneamente uma forte identificação entre esta, o corpo e pensamentos humanos (ou vida humana), como reconhecem empiricamente os psicanalistas... nos servimos da imagem da casa para representar os estratos da psique. (Op. Cit. p.141).

Algumas intervenções realizadas na casa refletiram de modo intuitivo essa questão exposta acima, em particular o trabalho de Cesar Fujimoto. O artista utilizou canos e tubulações de PVC que percorriam as superfícies das paredes, do chão e teto nos diversos comodos internos e no exterior da casa, numa tentativa de desmascarar ou revelar as partes ocultas da construção, por um processo de adição e sobreposição de materiais, nesse aspecto a composição se revela uma impossibilidade, no sentido de que se trata de canos e tubos, enfim, caminhos que não tem uma função utilitária, pois há espaços e interstícios imaginários na sua realização, ou seja canos que terminam em uma parede e continuam em outra como se atravessassem os tijolos. Trata-se de uma metáfora que se desenrola sobre a possibilidade de tradução e relação oferecida pelos materiais e pelo suporte (casa). Na descrição/testemunho sobre seu projeto Cesar Fujimoto parte da obra literária “As cidades invisíveis” de Italo Calvino.

O projeto pretende pensar a casa não somente como fruto de um trabalho arquitetônico, mas como objeto de uma reflexão interna e subjetiva. Por meio deste diálogo inicial com o autor e da percepção dos elementos que iluminam o nosso entorno – e que muitas vezes não quebram a barreira do invisível - a casa, mesmo que vazia, torna-se um organismo, dotada de seu próprio ecossistema, repleta de sentimentos, memórias, imagens e marcas deixadas pelo tempo e uso. Quando visualizada e analisada do alto, uma casa em meio urbano passa a ser mero ponto, mas, se a observamos de dentro, é desvelada em suas camadas de significação. A partir dessa noção de escala, campo de visão e ponto de vista do sujeito que olha não apenas de fora para dentro, mas do contrário, o projeto trata de uma idéia de paisagem, de um desejo de paisagem construída pelo homem.<sup>4</sup>

Cesar Fujimoto e Diogo Bueno foram os dois primeiros artistas a ocuparem a casa. Diogo Bueno por sua vez apresentou dois trabalhos:

‘Projeção na cidade’: fitas adesivas formam desenhos sobre a parede, representando um local externo ao espaço expositivo (espaço público/cidade/país ou conceito), em sua direção geográfica conceitual real.

<sup>4</sup>Cesar Fujimoto, Da ideia de paisagem, 2008. Catálogo CASA/NA/CIDADE.

‘Higher’: Construção feita com brinquedo (blocos de madeira), representando um edifício de cem andares, em uma sala vazia. Brincadeira com a ideia de competição, do masculino, soberano e solitário em um espaço.<sup>5</sup>

Na seqüência, Shima e Regina Johas desenvolveram projetos diametralmente opostos, uma vez que Shima é performer e criou instalações a partir dos vestígios de suas ações performáticas que não previam a participação do espectador, e Regina Johas criou uma espécie de mural, no qual os visitantes podiam interagir construindo seus próprios desenhos com pequenos ímãs, que se prendiam a parede previamente preparada com tinta especial, no entanto para que os visitantes pudessem realizar seus desenhos ele deveriam intervir no desenho criado pela artista.

#### ISOLAMENTO

Contenção + Leito + Colapso + Zona de Conforto/Zona de Confronto. Realização de três performances e uma instalação nas dependências da CASA/NA/CIDADE e no seu entorno. Quatro trabalhos unidos por um material em comum: a fita de isolamento.<sup>6</sup>

Jardim suspenso (série Paredes Magnéticas) parte da apropriação de um pattern de origem japonesa, em homenagem a esta cultura no seu centenário em solo brasileiro. Trata-se de um desenho realizado a partir de pequenos magnetos, e pode ser alterado pelos visitantes da intervenção. Tendo a participação do público a possibilidade aberta de possíveis desvíes para o desenho, Jardim Suspenso propõe a lógica da troca e a reflexão sobre o fazer como fruto do convívio e o diálogo entre as pessoas.<sup>7</sup>

Finalizando o ciclo de ocupação da casa, Laerte Ramos apresentou duas séries de trabalho, que na época eram suas mais recentes produções em xilogravura e cerâmicas. Criou espaços e situações de “risco” colocando as cerâmicas diretamente sobre o chão de dois cômodos, em espaçamentos que dificultavam propositalmente a locomoção, numa conexão com as próprias imagens dos objetos que eram espécies de híbridos de brinquedo e máquinas de guerra.

Elida Tessler apresentou uma proposta de work in progress denominado “Você me dá sua palavra?”. Neste trabalho em constante construção, a artista utiliza prendedores de roupa de madeira, nos quais ela pede UMA palavra ao espectador: esse trabalho transforma-se em uma coleção infinita de palavras que são literalmente carregadas e acumuladas a cada nova apresentação do projeto, assim CASA/NA/CIDADE acaba por fazer parte dessa rede expressa pelo trabalho sempre em curso e organicamente crescente a cada etapa.

<sup>5</sup> Diogo Bueno, *Projeção na cidade e Higher*, 2008. Catálogo CASA/NA/CIDADE.

<sup>6</sup> Shima, *Isolamento*, 2008. Catálogo CASA/NA/CIDADE.

<sup>7</sup> Regina Johas, *Jardim Suspenso (série Paredes Magnéticas)*, 2008. Catálogo CASA/NA/CIDADE.

<sup>8</sup> Elida Tessler, “Você me dá sua palavra?”, 2004-2008. Catálogo CASA/NA/CIDADE.

A palavra escrita no prendedor de roupas, qualquer que seja ela, porém escrita na língua materna do interlocutor, torna-se subitamente uma palavra especial. Poema anônimo e coletivo, este trabalho aspira ser uma linha de horizonte doméstico. “Você me dá sua palavra?” é um trabalho iniciado em novembro de 2004, no contexto da Rede Nacional de Artes Visuais da Funarte no Amapá e mantém-se como um work in progress, inserido em um projeto criado pela artista há 15 anos intitulado “Falas Inacabadas”.<sup>8</sup>

Desde o início, o projeto CASA/NA/CIDADE previa a documentação de suas intervenções por meio da realização de um catálogo, que acabou por converter-se também em “espaço” de outra intervenção realizada pelo artista Gustavo Torrezan, com o trabalho intitulado “| in | site”. Desse modo, um documento informativo acabou se transformando em elemento e suporte artístico, criando relações que ultrapassaram a situação espacial e temporal do projeto CASA/NA/CIDADE.

O trabalho consiste em uma moldura vermelha auto-adesiva, que foi encartada no catálogo, na qual o artista convida o espectador a utilizá-la para eleger “a partir de suas afetividades, memórias ou perceptos”<sup>9</sup> um local, ponto ou objeto que ele queira converter em “obra”, depois da ação o espectador é impelido a realizar um registro e enviar o material pela internet para a composição de um arquivo sobre as colaborações.

Trata-se assim de um projeto que também permite a participação do espectador e consolida a utilização de recursos multimidiáticos na construção do processo e da obra. De certo modo, também pode ser configurada como um *work in progress*.

CASA/NA/CIDADE contribuiu para a compreensão do potencial de projetos que não utilizam espaços tradicionais e que consolidam uma ideia de projetos artísticos como algo sistêmico, ao incorporar uma série de desdobramentos culturais como: palestras, workshops, conversas com artistas, participação da comunidade.

### 3. Gustavo Torrezan

Gustavo Torrezan (1984) concluiu sua graduação em Artes Visuais em 2008, na Unicamp e no mesmo ano participou do projeto CASA/NA/CIDADE e do 14º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, ressaltando que, a partir de 2011, Gustavo passou a integrar o Ateliê/8. Nesse contexto, tanto sua participação no CASA como no Salão, além de sua integração ao Ateliê/8, enfatizam as redes de relações estabelecidas entre projetos e artistas na cidade de Campinas.

O nome de Torrezan, surgiu inicialmente no contexto dessa pesquisa, em função, de seu trabalho no 14º Salão de Arte Contemporânea de Campinas (2008), intitulado “Demarche”.

Em “Dermache” (Figura 1), o artista propõe um projeto específico para o 14º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, a partir da seleção de catorze lugares da cidade que são eleitos ou considerados como obra, trabalhando com a ideia de um “salão dentro do salão” (GUSTAVO TORREZAN, 2011). Nesse sentido, a estratégia adotada é a utilização de um adesivo vinílico que é colado sobre os lugares eleitos, contendo os dizeres “Obra selecionada pelo Salão de Arte Contemporânea de Campinas”. No espaço do museu, onde ocorre o

<sup>9</sup> Gustavo Torrezan, | in | site, 2008. Catálogo CASA/NA/CIDADE.

salão o artista disponibiliza um grande mapa (objeto) e um folheto que convida o espectador a caminhar pela cidade e conhecer as “obras selecionadas”.

Nesse sentido, o artista trabalha com duas questões importantes: o sistema de validação da arte (seleção) e o caminhar como um processo expressivo (arte como experiência). Aborda conjuntamente relações que evocam as propostas de Marcel Duchamp, Baudelaire e Dewey.

“Todo mundo constrói dentro da cidade a sua cidade, os lugares de trabalho, de descanso, de encontros, de diversões” (TORREZAN, s.d). “Tecidades” é uma parceria com Luciana Camuzzo, e parte da idéia de construir uma cartografia afetiva da cidade em que as pessoas se reconheçam.



Figura 1 - Gustavo Torrezan. Demarche, 2007-2008. Site-specific. Adesivo vinílico.<sup>10</sup>



Figura 2 - Gustavo Torrezan e Luciana Camuzzo. Tecidades, 2010-2011. Intervenção na cidade de Campinas. Utilização de placas vinílicas com impressão em serigrafia.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> Fonte: <http://www.gustavotorrezan.com/works/Paginas/demarche.html>

<sup>11</sup> Fonte: <http://www.gustavotorrezan.com/works/Paginas/tecidades.html>

O trabalho parte da questão de apresentar alguns pontos da cidade para alguém que não a conhece, no caso Luciana Camuzzo que foi parceira nesta realização. Assim promover a troca entre aquele que nela habita e aquela que vem visitar como pano de fundo para tecer um mapeamento afetivo através da eleição e apresentação de onze pontos onde nos propomos a visitar juntos e a instalar placas sinalizadoras, criadas para ressaltar esses lugares e para indicar um trajeto até a exposição, na intenção de que esta ação seja também vivenciada por outros. O relato dessa experiência é apresentado na galeria através de registros escritos e audiovisuais, como modo de confrontar e comparar as diferentes visões e fabulações que acontecem. Para a parede externa da galeria, um mapa estilizado da cidade foi criado colocando o lugar da exposição ao centro.

Fluxos, experiências, saberes, trocas que atravessam a cidade na alteridade. Tecido vivo que se constrói a partir de adensadas camadas, inventariadas, inventadas, que trazem consigo a ideia de rizoma. (Gustavo Torrezan, 2011a).

“Os pontos” foram locais da cidade sinalizados com placas (Figura 2) contendo certos símbolos que identificavam as intersecções (ponto de encontro) chamadas, no projeto, de “nós”. Os artistas tiveram o apoio do Ateliê Aberto onde expuseram os vídeos e relatos da experiência. A fachada do Ateliê Aberto (Figura 3) também foi utilizada para instalar um mapa com as indicações dos pontos na cidade.

No processo de pesquisa e compreensão da construção poética dos trabalhos de Gustavo Torrezan, o artista gentilmente cedeu seu caderno de anotação (autorizando a citação dos conteúdos), no qual ele relata sistematicamente questões importantes de sua poética. A escrita por vezes fragmentada e entrecortada por projetos e esquemas, apresenta elementos significativos de seu processo criativo; desse modo procuramos, a partir desse material extrair citações de outros autores e do próprio artista, de modo a apontar alguns elementos, conceitos, mas principalmente referências importantes para a construção do processo poético.

As anotações em dois momentos: “quanto as obras”, “sobre ser de outra cidade e realizar trabalhos em Campinas”,

### *Quanto as obras*

Desde “Doce Caminho”, as obras têm relação com o percurso, a passagem, a paisagem, tem a ver com questões biográficas mas também com as questões referentes a cidade, todas elas propõem um olhar para a paisagem, uma mudança no trajeto, nos leva a conhecer outros caminhos, outros percursos, novos espaços, criar fluxos na cidade.

São retomadas questões propostas por artistas como Duchamp, Yves Klein, Alan Kaprow, e cria-se uma relação com a história da arte, questões como O que é Arte? O que nós chamamos de arte? E os porquês.

O gesto de escolher locais na cidade e os eleger como obras, ou como parte de uma obra, é o principal fator da obra em si.1 (TORREZAN, 2010).

### *Sobre ser de outra cidade e realizar trabalhos em Campinas*

A maior parte de suas obras é sobre “estar em trânsito”, deste fluxo que é criado entre uma cidade e outra, e como as relações se constroem e se organizam no espaço e no tempo, e na forma como nos relacionamos com os espaços e o tempo.

O lugar, aí, não é apenas um produto de relações sociais cuja singularidade é marcada pela combinação específica de múltiplas redes, o



Figura 3 - Gustavo Torrezan e Luciana Camuzzo. Tecidades, 2010-2011. Intervenção na cidade de Campinas, fachada do Ateliê Aberto Produções Contemporâneas. Impressão digital auto adesiva. <sup>12</sup>

<sup>12</sup> Fonte: <http://www.gustavotorrezan.com/works/Paginas/tecidades.html>

‘lugar-encontro’, sempre dinâmico e em aberto, conectado ao mundo; ele está também mergulhado na densa espaço-temporalidade da própria natureza, nunca estática, que se reconstrói permanentemente em sua indissociável vinculação ao igualmente complexo mundo dos homens. (HAESBAERT, In: MASSEY, D. B., 2008, p.12).

Este trecho justifica a reavaliação constante das propostas dos trabalhos anteriores, que versam sobre as relações sociais, com o espaço e o tempo, sobre o que está em constante transformação. Durante o processo, o artista parte de diversas leituras, e o resultado de cada trabalho deixa questões para o trabalho posterior, muitas vezes pelo desejo de modificar, aperfeiçoar algum detalhe de seu trabalho, de desenvolver a obra como um todo. É neste processo que novos assuntos aparecem interligados, contribuem e complementam a obra. E por isso, seus trabalhos apresentam algumas semelhanças, como entre “Demarche” e “Tecidades”, em que se refaz a proposta de criar uma cartografia afetiva da cidade.

“A cartografia, neste caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.” (ROLNIK, 2007, p.23).

Suas obras não têm caráter material; não deixam registros físicos, e mesmo os registros que existem são registros dos processos em mídia virtual. A questão sobre produzir um material de registro de sua obra parte de um aprendizado, o de perceber em que ponto do processo se torna interessante documentar a obra em uma publicação. “É preciso pensar muito antes de criar alguma coisa material, física, o mundo já está cheio de coisas.” (TORREZAN, s.d.).

#### **4. Pparalelo de Arte Contemporânea e Sylvia Furegatti**

Nasce desconfiando (positivamente) dos coletivos, das centralizações, de qualquer ponto de estreitamento que limite o processo de percepção e ampliação estética desse campo de atuação do artista nos centros urbanos atuais. Por isso é um Pparalelo e não um Coletivo. (PPARALELO, 2011b).

O Pparalelo propõe uma forma de trabalho em grupo, na qual os participantes têm um espaço para desenvolver tanto seus projetos individuais quanto projetos em grupo, por isso a idéia de ser um paralelo e portanto segundo o grupo não é um coletivo. “Pparalelo” é um conceito, um termo criado para designar artistas que trabalham em conjunto, mas também desenvolvem suas pesquisas artísticas individuais paralelamente ao grupo. A proposta de uma nova forma de trabalho vem de uma crítica aos modelos praticados pelos coletivos de artistas, em que o coletivo é uma “instancia” superior, e a pesquisa de cada artista se torna submissa em função do trabalho em grupo.

O Pparalelo considerara que é difícil criar uma unidade em um grupo voltado à pesquisa em Arte Contemporânea, mas propõe que o grupo seja uma força

capaz de tornar possíveis e viáveis, ações que seriam mais complexas de se desenvolver individualmente, e neste sentido cada participante é protagonista das ações que propõe e o Pparalelo funciona na medida em que estas ações se realizam.

O grupo se constituiu a partir de 2008 e desde então apresenta propostas de ações artísticas e culturais no espaço urbano, buscando se afastar dos grandes centros e promover a Arte Contemporânea fora dos eixos artísticos estabelecidos das capitais.

Tomar o espaço urbano, propor ações artísticas, ocupar e dialogar com espaços da cidade e provocar reflexões e discussões sobre a arte é um dos pontos fortes de atuação do grupo na paisagem urbana que se converte em suporte ideal das ações do grupo, de modo geral os projetos são pensados como ações “portáteis” (que podem ser transportadas) e realizadas várias vezes (PPARALELO, 2011b).

Em abril de 2008, a intervenção “Bula de Intenções N.1” inaugura as ações do Pparalelo. O trabalho consiste em percorrer o centro da cidade de Campinas em carros adesivados com o nome do grupo e com o auxílio de alto-falantes (Figura 4) é reproduzida a leitura de um texto em três línguas. Esse texto fala de Arte Contemporânea, mas principalmente de Arte, da própria ação que está sendo realizada e sobre o que é e pra que serve a Arte, nesse sentido interfere no cotidiano da cidade, utilizando formas de atuação que são próprias das cidades com seus ambulantes e sistemas de som de carros de propaganda.

O texto abaixo reproduz a “bula de intenções” propalada pelos alto-falantes; foram destacados em negrito passagens consideradas fundamentais para o entendimento da proposta do Pparalelo:

Arte Contemporânea; Arte Contemporânea; Arte Contemporânea... Arte de Hoje; Arte de Amanhã. O Grupo Pparalelo de Arte Contemporânea quer falar com você sobre Arte. Por isso criou o projeto Bula de Intenções no 1, uma proposta de arte falante, em movimento, efêmera que veio interferir no seu cotidiano.

Arte para quê? A Arte não deve ser só para artistas... Arte para que? para melhorar o seu humor, a sua visão de mundo, a sua qualidade de vida... Arte para muitos, aos poucos... É certo que a idéia da beleza nos introduz no território da Arte. A beleza é a finalidade da arte. [Mas, afinal] Que é



Figura 4 - Pparalelo, Bula de Intenções N.1, 2008. Ação urbana na cidade de Campinas (SP).<sup>13</sup>



Figura 5 - Sylvia Furegatti e apoio do Pparalelo, 2008. “Frases Curtas, Pensamentos Longos”, realizado para o PROJETO FLUXUS - INFORMAÇÃO, ARTE E SAÚDE promovido pelo NECS – Núcleo de Educação e Comunicação Social do Programa DST/Aids da Prefeitura de Campinas.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Fonte: <http://www.pparalelo.art.br/acoes/bula-de-intencoes-n-1-intervencao-inaugural-do-grupo-pparalelo>

<sup>14</sup> Fonte: <http://www.pparalelo.art.br/acoes/projeto-fluxus-sylvia-furegatti>

arte, que é beleza, que é finalidade? (Rosario Fusco). O mundo de hoje tem muitas novas formas de expressar a Beleza.

Idéias sozinhas podem ser obras de arte (Sol Lewitt) O artista não é [mais] necessariamente obrigado a realizar [uma] obra. Mas a Arte não é só idéia. É sempre uma realidade, precisa existir no mundo.(P. Kowalski) [É preciso] vestir a idéia de uma forma sensível (Jean Moreas). Por isso, escute um pouco mais Arte.

Hoje, aqui, nesta forma de Arte Pública, trazemos uma Arte que é som, que não dura para sempre, vai direto para sua cabeça e não para os olhos. Não se pode visualizá-la, nem comprá-la. Cuidado! Quando reduzimos a obra de arte ao seu valor mercantil [anunciamos] a morte da arte. (Pierre Restany). Cuidado! Isso não impede que alguns ainda tenham a Arte na forma de objetos. Isso significa que, talvez estejamos vivenciando não o fim das galerias ou dos museus de arte, mas o fim da arte feita no ateliê. (Jan Dibbets).

O artista (...) deve aprender a escapar de sua profissão. (...) as riquezas e a variedade dos estados de consciência nas artes hoje são tão grandes que é difícil deixar de admitir que (...) um módulo lunar é evidentemente superior a todos os esforços contemporâneos em termos de escultura; (...) Cuidado! A Arte é muito fácil de ser feita hoje em dia. (Allan Kaprow).

Queremos produzir um tipo de Arte que faça outra coisa além de sentar seu traseiro num museu (C. Oldenburg). Uma Arte que possa combinar paisagem e arquitetura, que se estabeleça num campo ampliado (Rosalind Krauss), que te alcance no seu caminho para o trabalho ou para a escola, que não fique te esperando dentro de um cubo branco, mas que te leve, um dia, até ele para que você deseje voltar mais vezes e sempre...

Em geral, somos favoráveis à gentileza e não à inimizade, muito embora precisemos citá-la para falar da necessidade da gentileza no mundo da Arte. A Arte Contemporânea é especialista em criar inimigos da Arte Contemporânea. (Agnaldo Farias) Isso cansa o artista e o público da arte.

Somos favoráveis à Arte que se desdobra como um mapa, que se pode abraçar como um namorado (...) Arte que diz as horas, ou onde fica essa ou aquela rua (...) que se expande e estridula, como um acordeom, que você pode sujar de comida, como uma toalha de mesa velha. (C. Oldenburg) Mas, para que tudo isso faça sentido, é preciso que você a ative, senão os objetos serão sempre meros objetos e nunca Arte. A Arte vem de uma espécie de condição experimental na qual alguém faz experiências com o viver. (John Cage).

Essa Arte Contemporânea te pede para observá-la, para cultivá-la, para estudá-la... Com a presença do espectador se faz Arte Contemporânea e não sem ele. A Arte deve, literalmente, descer à rua, sair do zôo cultural estreito [e se recolocar no corpo social]. (Jean-Jacques Lebel).

Arte Contemporânea, Arte de hoje, Arte de Amanhã. (PPARALELO, 2011a).

“Bula de Intenções N.1” é um exemplo de ação onde todos os integrantes do grupo tem participação ativa.

Em outro momento, observamos uma intervenção apresenta como proposta individual pela artista Sylvia Furegatti, mas que contou com o apoio dos outros membros do Pparalelo.

O trabalho em questão, intitulado “Frasas Curtas, Pensamentos Longos”, foi realizado em 2008 para o PROJETO FLUXUS - INFORMAÇÃO, ARTE E SAÚDE promovido pelo NECS – Núcleo de Educação e Comunicação Social do Programa DST/Aids da Prefeitura de Campinas que tem como base trabalhar o conceito de “Arte e Consciência Participativa”. Trata-se portanto de um trabalho realizado em parceria com o poder público na área da saúde. O Projeto FLUXUS propõe que artistas da cidade realizem por meio de intervenções artísticas ações públicas colaborativas e que possam interagir com o público. Isso significa que, talvez estejamos vivenciando não o fim das galerias ou dos museus de arte, mas o fim da arte feita no ateliê. (Jan Dibbets).

Portanto, na ação “Frasas Curtas, Pensamentos Longos”, realizado no âmbito do projeto FLUXUS, a artista interfere na paisagem utilizando as árvores de avenidas movimentadas da cidade como suporte (Figura 5), nas quais são colocadas frases poéticas (por meio de letras auto-adesivas). Esse trabalho é uma forma de convidar o passante a olhar ao seu redor, provocando um estranhamento pela inserção de frases extraídas de músicas da MPB que tem como mote a reflexão sobre os encontros, esperanças e fluxos presentes na vida. A escolha cuidadosa dos conjuntos de árvores evidencia a referência e vocação poética do trabalho. O estranhamento ou incomodo causado pelo ação é em grande parte provocado pela simplicidade formal/material <sup>15</sup> da intervenção que se estabelece em meio a velocidade do fluxo de veículos dos locais escolhidos. A atitude, as escolhas formais e situacionais presentes são uma forma de provocar um novo olhar sobre o espaço urbano.

## 5. Considerações e reflexões

Embora a pesquisa em seu início tenha sugerido uma abordagem local/regional, o contexto atual da produção artística contemporânea leva a uma quebra dos paradigmas, em especial sobre a relação entre local de produção e de origem do artista (ou da obra) como elemento qualitativo da produção. Assim, não é preciso necessariamente estar nos grandes centros para promover reflexões e ações qualificadas.

Nos estudos de caso, procuramos desenhar um contexto baseado em projetos e intervenções artísticas desenvolvidas por três grupos que trabalham na cidade de Campinas e artistas que realizaram produções individuais apoiados pelos grupos em questão. Desse modo, foi possível observar a rede de relações que se cria em torno do desenvolvimento de projetos e de como as ações em conjunto favorecem a realização e disseminação dos trabalhos.

“As periódicas transformações nos parâmetros da experiência e da percepção do espaço e do tempo, comprimidos pelo desenvolvimento da técnica e dos

<sup>15</sup> São frases realizadas com recorte/plotagem de letras auto-adesivos colados nos troncos das árvores. Os troncos são previamente preparados e tratados para receber as frases. Ao fim da ação todas as árvores foram devidamente devolvidas a sua condição anterior e cuidadosamente limpas.

meios de transporte e comunicações, engendram reavaliações nos modos de representar o mundo” (PEIXOTO, 2004. p. 418). Assim a cidade se converte, para os artistas contemporâneas, num campo fértil de atuação em função de paradoxos, organicidade, relações sociais e culturais que emanam das intrincadas conexões entre todos os elementos e agentes que constituem o espaço urbano, seja de uma metrópole ou das cidades de modo geral.

A arte visa conferir forma e peso aos mais invisíveis processos. Quando partes inteiras de nossa vida caem na abstração devido a mudança de escala da globalização, quando funções básicas de nosso cotidiano são gradualmente transformadas em produtos de consumo (incluídas as relações humanas, que se tornam um verdadeiro interesse da indústria), parece muito lógico que os artistas procurem rematerializar essas funções e esses processos, e devolver a concretude ao que se furta a nossa vida. Não como objetos, o que significa cair na armadilha da reificação, mas como suportes de experiências: a arte, ao tentar romper a lógica do espetáculo, restitui-nos o mundo como experiência a ser vivida. (BOURRIAUD, 2009. p. 31-32).

As produções artísticas abordadas refletem, dessa maneira, a procura de ações que determinam vivências experimentais perante o (e por meio do) espaço urbano, situações quase conceituais, no sentido de que não há necessariamente a geração de objetos artísticos em si, ou seja, algo materialmente constituído e comumente determinado pelo duopólio pintura-escultura, mas elementos inegavelmente intangíveis como sensações, insights, lembranças.

### **Referências**

- ATELIÊ/8, 2011. Acessado em 09/07/2011. Disponível em: <http://atelier8.wordpress.com/>
- ATELIÊ ABERTO, Produções Contemporâneas, 2011. Acessado em 11/07/2011. Disponível em: <http://www.atelieaberto.art.br/oatelie.html>
- CASA/NA/CIDADE (Campinas, SP). Produção Ateliê/8 – Campinas: catálogo (impresso colorido), 2008. 20 p.
- CAUQUELIN, Anne. Freqüentar os incorporais: contribuição a uma teoria da arte contemporânea. São Paulo: Martins, 2008.
- CIRLOT, Juan-Eduardo. Dicionário de símbolos. São Paulo: Editora Moraes, 1984.
- BOURRIAUD, Nicolas. Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- GUSTAVO TORREZAN, 2011. Acessado em 05/05/2011. Disponível em: <http://www.gustavotorrezan.com/works/Paginas/demarche.html>
- GUSTAVO TORREZAN, 2011a. Tecidades. Acessado em: 09/06/2011. Disponível em: <http://www.gustavotorrezan.com/works/Paginas/tecidades.html>
- HAESBAERT, Rogério. Apresentação a Edição Brasileira. In: MASSEY, Doreen B. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

MASSEY, Doreen B. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand, 2008.

MINC, 2011. Edital de Intercâmbio N. 1/2011. Ministério da Cultura, Item 8, subitem 8.4.5, p.07. Acessado em 12/07/2011. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br> e <http://www.cultura.gov.br/site/2011/12/29/programa-de-intercambio-e-difusao-cultural-57/>

O'DOHERTY, Brian. No interior do cubo branco, a ideologia do espaço da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PPARALELO de Arte Contemporânea, 2011. Acessado em 11/07/2011. Disponível em: <http://www.pparalelo.art.br/pparalelo-nao-e-coletivo/>

PPARALELO de Arte Contemporânea, 2011a. Acessado em 11/07/2011. Disponível em: <http://www.pparalelo.art.br/acoes/bula-de-intencoes-n-1-intervencao-inaugural-do-grupo-pparalelo/>

PPARALELO de Arte Contemporânea, 2011b. Acessado em 09/06/2011. Disponível em: <http://www.pparalelo.art.br/pparalelo-nao-e-coletivo/>

PEIXOTO, Nelson Brissac. Paisagens urbanas. São Paulo: Editora Senac, 2004.

ROLNIK, Suely. Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do Desejo. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2007.

TORREZAN, Gustavo. Caderno de projeto e anotações do artista. Arquivo pessoal. S.d.; S.e.

### **Sobre as autoras**

Paula Almozara concluiu o Doutorado em Educação na área de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte pela Universidade Estadual de Campinas em 2005 (Bolsa Capes). Realizou Mestrado em Artes Visuais (Bolsa Fapesp) pela Unicamp (1997), onde desenvolveu trabalho poético visual e pesquisa sobre a história do desenho. Atualmente é pesquisadora e professora da Faculdade de Artes Visuais da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Atuou de 2007 a 2009 como professora convidada do curso ART-120 Especialização em Artes Visuais do IA-Unicamp. Possui diversas publicações de álbuns e livros de artista e também exposições de artes visuais com ênfase em procedimentos gráficos, fotografia, vídeo e instalação. Atua na área de Artes em Poéticas Visuais Contemporâneas. Site/portfólio: <http://www.paulaalmozara.art.br>

E.mail: [almozara@gmail.com](mailto:almozara@gmail.com)

Maria Dias é artista visual e pesquisadora independente. Atua na cidade de Campinas onde desenvolve diversas atividades como produtora cultural. Bacharel e Licenciada pela PUC-Campinas em 2011.

E.mail: [mariapaula.ferrazdias@gmail.com](mailto:mariapaula.ferrazdias@gmail.com)